

*fernando pessoa*

Com  
prefácio  
escrito  
por  
participante  
do Projeto  
Passaporte  
Para  
o Futuro.



**POEMAS  
DE  
FERNANDO  
PESSOA**

POEMAS  
DE  
FERNANDO  
PESSOA



Fernando Pessoa



## PREFÁCIO

Fernando Pessoa expressa, através de suas poesias, os dramas, tristezas e alegrias de viver. Uma psicologia de suspense e equilíbrio moral, em que o autor mostra temas como a razão, o óbvio e situações que acontecem com as pessoas.

O poeta escreve, em muitos momentos, em um tom de angústia e solidão, misturando realidade e ficção. Também é transmitido em seus poemas e versos muitos ensinamentos, para que haja reflexão sobre a vida, ainda mais em situações difíceis.

Pessoa é muito nítido em expressar tons de tristeza em quase todas as poesias. Talvez por angústia, reclama um pouco de solidão, da amargura íntima de seu ego. Há também um medo de mostrar-se desacreditado e ansioso para com o mundo.

O poeta escreve:

“a vida é um hospital  
onde quase tudo falta  
por isso ninguém se cura  
e morrer é que é ter alta”

Apreendi muito lendo a obra de Fernando Pessoa. Me identifiquei com seus momentos de angústia, ansiedade, e principalmente a forma com que ele vê beleza nas coisas. Vou levar isso comigo.

---

*Este prefácio foi escrito por **Gilvano Souza dos Santos**,  
apenado na Penitenciária Modulada Estadual de Montenegro - RS.  
Ele só teve a oportunidade de ler essa obra graças  
ao trabalho do Banco de Livros em parceria com a  
Superintendência dos Serviços Penitenciários - SUSEPE.*

**DOE LIVROS E AJUDE A TRANSFORMAR MAIS REALIDADES.**



**f** [bancodelivrosrs](http://bancodelivrosrs)



## NAVEGAR É PRECISO

Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:

“Navegar é preciso; viver não é preciso”.

Quero para mim o espírito desta frase, transformada a forma para a casar como eu sou:

Viver não é necessário; o que é necessário é criar.

Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso.

Só quero torná-la grande, ainda que para isso tenha de ser o meu corpo e a (minha alma) a lenha desse fogo.

Só quero torná-la de toda a humanidade;

ainda que para isso tenha de a perder como minha.

Cada vez mais assim penso.

Cada vez mais ponho da essência anímica do meu sangue o propósito impessoal de engrandecer a pátria e contribuir para a evolução da humanidade.

É a forma que em mim tomou o misticismo da nossa Raça.

*[Nota de SF “Navigare necesse; vivere non est necesse” - latim, frase de Pompeu, general romano, 106-48 aC., dita aos marinheiros, amedrontados, que recusavam viajar durante a guerra, cf. Plutarco, in Vida de Pompeu]*



## TUDO QUANTO PENSO

Tudo quanto penso,  
Tudo quanto sou  
É um deserto imenso  
Onde nem eu estou.

Extensão parada  
Sem nada a estar ali, Areia peneirada  
Vou dar-lhe a ferroada  
Da vida que vivi.



## VENDAVAL

Ó vento do norte, tão fundo e tão frio,  
Não achas, soprando por tanta solidão,  
Deserto, penhasco, coval mais vazio  
Que o meu coração!

Indômita praia, que a raiva do oceano  
Faz louco lugar, caverna sem fim,  
Não são tão deixados do alegre e do humano  
Como a alma que há em mim!

Mas dura planície, praia atra em fereza,  
Só têm a tristeza que a gente lhes vê  
E nisto que em mim é vácuo e tristeza  
É o visto o que vê.

Ah, mágoa de ter consciência da vida!  
Tu, vento do norte, teimoso, iracundo,  
Que rasgas os robles — teu pulso divide  
Minh'alma do mundo!

Ah, se, como levas as folhas e a areia,  
A alma que tenho pudesses levar -  
Fosse pr'onde fosse, pra longe da idéia  
De eu ter que pensar!

Abismo da noite, da chuva, do vento,  
Mar torvo do caos que parece volver -  
Porque é que não entras no meu pensamento  
Para ele morrer?

Horror de ser sempre com vida a consciência!  
Horror de sentir a alma sempre a pensar!  
Arranca-me, é vento; do chão da existência,  
De ser um lugar!

E, pela alta noite que fazes mais'scura,  
Pelo caos furioso que crias no mundo,  
Dissolve em areia esta minha amargura,  
Meu tédio profundo.

E contra as vidraças dos que há que têm lares,  
Telhados daqueles que têm razão,  
Atira, já pária desfeito dos ares,  
O meu coração!

Meu coração triste, meu coração ermo,  
Tornado a substância dispersa e negada  
Do vento sem forma, da noite sem termo,  
Do abismo e do nada!



## AUTOPSILOGRAFIA

O poeta é um fingidor.  
Finge tão completamente  
Que chega a fingir que é dor  
A dor que deveras sente.

E os que leem o que escreve,  
Na dor lida sentem bem,  
Não as duas que ele teve,  
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda  
Gira, a entreter a razão,  
Esse comboio de corda  
Que se chama coração.



## POEMA EM LINHA RETA

Nunca conheci quem tivesse levado porrada.  
Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo.

E eu, tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas vezes vil,  
Eu tantas vezes irresponsavelmente parasita,  
Indesculpavelmente sujo.  
Eu, que tantas vezes não tenho tido paciência para tomar banho,  
Eu, que tantas vezes tenho sido ridículo, absurdo,

Que tenho enrolado os pés publicamente nos tapetes das etiquetas,  
Que tenho sido grotesco, mesquinho, submisso e arrogante,  
Que tenho sofrido enxovalhos e calado,  
Que quando não tenho calado, tenho sido mais ridículo ainda;  
Eu, que tenho sido cômico às criadas de hotel,  
Eu, que tenho sentido o piscar de olhos dos moços de fretes,  
Eu, que tenho feito vergonhas financeiras, pedido emprestado  
sem pagar,  
Eu, que, quando a hora do soco surgiu, me tenho agachado  
Para fora da possibilidade do soco;  
Eu, que tenho sofrido a angústia das pequenas coisas ridículas,  
Eu verifico que não tenho par nisto tudo neste mundo.

Toda a gente que eu conheço e que fala comigo  
Nunca teve um ato ridículo, nunca sofreu enxovalho,  
Nunca foi senão príncipe — todos eles príncipes — na vida...

Quem me dera ouvir de alguém a voz humana  
Que confessasse não um pecado, mas uma infâmia;  
Que contasse, não uma violência, mas uma cobardia!  
Não, são todos o Ideal, se os oiço e me falam.  
Quem há neste largo mundo que me confesse que uma vez foi vil?  
Ó príncipes, meus irmãos,

Arre, estou farto de semideuses!  
Onde é que há gente no mundo?

Então sou só eu que é vil e errôneo nesta terra?

Poderão as mulheres não os terem amado,  
Podem ter sido traídos — mas ridículos nunca!  
E eu, que tenho sido ridículo sem ter sido traído,  
Como posso eu falar com os meus superiores sem titubear?  
Eu, que venho sido vil, literalmente vil,  
Vil no sentido mesquinho e infame da vileza.





## TABACARIA

Não sou nada.  
Nunca serei nada.  
Não posso querer ser nada.  
À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

Janelas do meu quarto,  
Do meu quarto de um dos milhões do mundo,  
que ninguém sabe quem é  
( E se soubessem quem é, o que saberiam?),  
Dais para o mistério de uma rua cruzada constantemente por gente,  
Para uma rua inacessível a todos os pensamentos,  
Real, impossivelmente real, certa, desconhecidamente certa,  
Com o mistério das coisas por baixo das pedras e dos seres,  
Com a morte a por umidade nas paredes  
e cabelos brancos nos homens,  
Com o Destino a conduzir a carroça de tudo pela estrada de nada.

Estou hoje vencido, como se soubesse a verdade.  
Estou hoje lúcido, como se estivesse para morrer,  
E não tivesse mais irmandade com as coisas  
Senão uma despedida, tornando-se esta casa e este lado da rua  
A fileira de carruagens de um comboio, e uma partida apitada  
De dentro da minha cabeça,  
E uma sacudidela dos meus nervos e um ranger de ossos na ida.

Estou hoje perplexo, como quem pensou e achou e esqueceu.  
Estou hoje dividido entre a lealdade que devo  
À Tabacaria do outro lado da rua, como coisa real por fora,  
E à sensação de que tudo é sonho, como coisa real por dentro.

Falhei em tudo.  
Como não fiz propósito nenhum, talvez tudo fosse nada.  
A aprendizagem que me deram,  
Desci dela pela janela das traseiras da casa.



## O CEGO E A GUITARRA

O ruído vário da rua  
Passa alto por mim que sigo.  
Vejo: cada coisa é sua  
Oíço: cada som é consigo.

Sou como a praia a que invade  
Um mar que torna a descer.  
Ah, nisto tudo a verdade  
É só eu ter que morrer.

Depois de eu cessar, o ruído.  
Não, não ajusto nada  
Ao meu conceito perdido  
Como uma flor na estrada.

Ceguei à janela  
Porque ouvi cantar.  
É um cego e a guitarra  
Que estão a chorar.

Ambos fazem pena,  
São uma coisa só  
Que anda pelo mundo  
A fazer ter dó.

Eu também sou um cego  
Cantando na estrada,  
A estrada é maior  
E não peço nada.



## O GUARDADOR DE REBANHOS

Eu nunca guardei rebanhos,  
Mas é como se os guardasse.  
Minha alma é como um pastor,  
Conhece o vento e o sol  
E anda pela mão das Estações  
A seguir e a olhar.  
Toda a paz da Natureza sem gente  
Vem sentar-se a meu lado.  
Mas eu fico triste como um pôr de sol  
Para a nossa imaginação,  
Quando esfria no fundo da planície  
E se sente a noite entrada  
Como uma borboleta pela janela.

Mas a minha tristeza é sossego  
Porque é natural e justa  
E é o que deve estar na alma  
Quando já pensa que existe  
E as mãos colhem flores sem ela dar por isso.

Como um ruído de chocalhos  
Para além da curva da estrada,  
Os meus pensamentos são contentes.  
Só tenho pena de saber que eles são contentes,  
Porque, se o não soubesse,  
Em vez de serem contentes e tristes,  
Seriam alegres e contentes.

Pensar incomoda como andar à chuva  
Quando o vento cresce e parece que chove mais.

Não tenho ambições nem desejos  
Ser poeta não é uma ambição minha  
É a minha maneira de estar sozinho.

E se desejo às vezes  
Por imaginar, ser cordeirinho  
(Ou ser o rebanho todo  
Para andar espalhado por toda a encosta  
A ser muita cousa feliz ao mesmo tempo),

É só porque sinto o que escrevo ao pôr do sol,  
Ou quando uma nuvem passa a mão por cima da luz  
E corre um silêncio pela erva fora.



## ODE MARÍTIMA

Sozinho, no cais deserto, a esta manhã de Verão,  
Olho pró lado da barra, olho pró Indefinido,  
Olho e contenta-me ver,  
Pequeno, negro e claro, um pacote entrando.  
Vem muito longe, nítido, clássico à sua maneira.  
Deixa no ar distante atrás de si a orla vã do seu fumo.  
Vem entrando, e a manhã entra com ele, e no rio,  
Aqui, acolá, acorda a vida marítima,  
Erguem-se velas, avançam rebocadores,  
Surgem barcos pequenos detrás dos navios que estão no porto.  
Há uma vaga brisa.  
Mas a minh'alma está com o que vejo menos.  
Com o pacote que entra,  
Porque ele está com a Distância, com a Manhã,  
Com o sentido marítimo desta Hora,  
Com a doçura dolorosa que sobe em mim como uma náusea,  
Como um começar a enjoar, mas no espírito.

Olho de longe o pacote, com uma grande independência de alma,  
E dentro de mim um volante começa a girar, lentamente.

Os pacotes que entram de manhã na barra  
Trazem aos meus olhos consigo  
O mistério alegre e triste de quem chega e parte.  
Trazem memórias de cais afastados e doutros momentos  
Doutro modo da mesma humanidade noutros pontos.  
Todo o atracar, todo o largar de navio,  
É — sinto-o em mim como o meu sangue —  
Inconscientemente simbólico, terrivelmente  
Ameaçador de significações metafísicas  
Que perturbam em mim quem eu fui...

Ah, todo o cais é uma saudade de pedra!  
E quando o navio larga do cais  
E se repara de repente que se abriu um espaço  
Entre o cais e o navio,  
Vem-me, não sei porquê, uma angústia recente,  
Uma névoa de sentimentos de tristeza  
Que brilha ao sol das minhas angústias relvadas  
Como a primeira janela onde a madrugada bate,  
E me envolve com uma recordação duma outra pessoa  
Que fosse misteriosamente minha.



## ANIVERSÁRIO

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,  
Eu era feliz e ninguém estava morto.  
Na casa antiga, até eu fazer anos era uma tradição de há séculos,  
E a alegria de todos, e a minha, estava certa com uma religião qualquer.

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,  
Eu tinha a grande saúde de não perceber coisa nenhuma,  
De ser inteligente para entre a família,  
E de não ter as esperanças que os outros tinham por mim.  
Quando vim a ter esperanças, já não sabia ter esperanças.  
Quando vim a olhar para a vida, perdera o sentido da vida.

Sim, o que fui de suposto a mim-mesmo,  
O que fui de coração e parentesco.  
O que fui de serões de meia-província,  
O que fui de amarem-me e eu ser menino,  
O que fui — ai, meu Deus!, o que só hoje sei que fui..  
A que distância!..  
(Nem o acho..)  
O tempo em que festejavam o dia dos meus anos!

O que eu sou hoje é como a umidade no corredor do fim da casa,  
Pondo grelado nas paredes..  
O que eu sou hoje (e a casa dos que me amaram treme através das minhas  
lágrimas),  
O que eu sou hoje é terem vendido a casa,  
É terem morrido todos,  
É estar eu sobrevivente a mim-mesmo como um fósforo frio..

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos..  
Que meu amor, como uma pessoa, esse tempo!  
Desejo físico da alma de se encontrar ali outra vez,  
Por uma viagem metafísica e carnal,  
Com uma dualidade de eu para mim..  
Comer o passado como pão de fome, sem tempo de manteiga nos dentes!



## TODAS AS CARTAS DE AMOR...

Todas as cartas de amor são  
Ridículas.  
Não seriam cartas de amor se não fossem  
Ridículas.

Também escrevi em meu tempo cartas de amor,  
Como as outras,  
Ridículas.

As cartas de amor, se há amor,  
Têm de ser  
Ridículas.

Mas, afinal,  
Só as criaturas que nunca escreveram  
Cartas de amor  
É que são  
Ridículas.

Quem me dera no tempo em que escrevia  
Sem dar por isso  
Cartas de amor  
Ridículas.

A verdade é que hoje  
As minhas memórias  
Dessas cartas de amor  
É que são  
Ridículas.

(Todas as palavras esdrúxulas,  
Como os sentimentos esdrúxulos,  
São naturalmente  
Ridículas.)



## PRESSÁGIO

O amor, quando se revela,  
Não se sabe revelar.  
Sabe bem olhar pra ela,  
Mas não lhe sabe falar.

Quem quer dizer o que sente  
Não sabe o que há de dizer.  
Fala: parece que mente...  
Cala: parece esquecer...

Ah, mas se ela adivinhasse,  
Se pudesse ouvir o olhar,  
E se um olhar lhe bastasse  
Pra saber que a estão a amar!

Mas quem sente muito, cala;  
Quem quer dizer quanto sente  
Fica sem alma nem fala,  
Fica só, inteiramente!

Mas se isto puder contar-lhe  
O que não lhe ousou contar,  
Já não terei que falar-lhe  
Porque lhe estou a falar...





## NÃO SEI QUANTAS ALMAS TENHO

Não sei quantas almas tenho.  
Cada momento mudei.  
Continuamente me estranho.  
Nunca me vi nem acabei.  
De tanto ser, só tenho alma.  
Quem tem alma não tem calma.  
Quem vê é só o que vê,  
Quem sente não é quem é,

Atento ao que sou e vejo,  
Torno-me eles e não eu.  
Cada meu sonho ou desejo  
É do que nasce e não meu.  
Sou minha própria paisagem;  
Assisto à minha passagem,  
Diverso, móbil e só,  
Não sei sentir-me onde estou.

Por isso, alheio, vou lendo  
Como páginas, meu ser.  
O que sogue não prevendo,  
O que passou a esquecer.  
Noto à margem do que li  
O que julguei que senti.  
Releio e digo: "Fui eu ?"  
Deus sabe, porque o escreveu.



## QUINTO IMPÉRIO

Vibra, clarim, cuja voz diz.  
Que outrora ergueste o grito real  
Por D. João, Mestre de Aviz,  
E Portugal!

Vibra, grita aquele hausto fundo  
Com que impeliste, como um remo,  
Em El-Rei D. João Segundo  
O Império extremo!

Vibra, sem lei ou com lei,  
Como aclamaste outrora em vão  
O morto que hoje é vivo — El-Rei  
D. Sebastião!

Vibra chamando, e aqui convoca  
O inteiro exército fadado  
Cuja extensão os pólos toca  
Do mundo dado!

Aquele exército que é feito  
Do quanto em Portugal é o mundo  
E enche este mundo vasto e estreito  
De ser profundo.

Para a obra que há que prometer  
Ao nosso esforço alado em si,  
Convoco todos sem saber  
(É a Hora!) aqui!

Os que, soldados da alta glória,  
Deram batalhas com um nome,  
E de cuja alma a voz da história  
Tem sede e fome.

E os que, pequenos e mesquinhos,  
No ver e crer da externa sorte,  
Convoco todos sem saber  
Com vida e morte.

Sim, estes, os plebeus do Império;  
Heróis sem ter para quem o ser,  
Chama-os aqui, ó som etéreo  
Que vibra a arder!

E, se o futuro é já presente  
Na visão de quem sabe ver,  
Convoca aqui eternamente  
Os que hão de ser!

Todos, todos! A hora passa,  
O gênio colhe-a quando vai.  
Vibra! Forma outra e a mesma raça  
Da que se esvai.

A todos, todos, feitos num  
Que é Portugal, sem lei nem fim,  
Convoca, e, erguendo-os um a um,  
Vibra, clarim!

E outros, e outros, gente vária,  
Oculta neste mundo misto.  
Seu peito atrai, rubra e templária,  
A Cruz de Cristo.

Glosam, secretos, altos motes,  
Dados no idioma do Mistério —  
Soldados não, mas sacerdotes,  
Do Quinto império.

Aqui! Aqui! Todos que são.  
O Portugal que é tudo em si,  
Venham do abismo ou da ilusão,  
Todos aqui!

Armada intérmina surgindo,  
Sobre ondas de uma vida estranha.  
Do que por haver ou do que é vindo —  
É o mesmo: venha!

Vós não soubesses o que havia  
No fundo incógnito da raça,  
Nem como a Mão, que tudo guia,  
Seus planos traça.

Mas um instinto involuntário,  
Um ímpeto de Portugal,  
Encheu vosso destino vário  
De um dom fatal.

De um rasgo de ir além de tudo,  
De passar para além de Deus,  
E, abandonando o Gládio e o escudo,  
Galgar os céus.

Titãs de Cristo! Cavaleiros  
De uma cruzada além dos astros,  
De que esses astros, aos milheiros,  
São só os rastros.

Vibra, estandarte feito som,  
No ar do mundo que há de ser.  
Nada pequeno é justo e bom.  
Vibra a vencer!

Transcende a Grécia e a sua história  
Que em nosso sangue continua!  
Deixa atrás Roma e a sua glória  
E a Igreja sua!

Depois transcende esse furor  
E a todos chama ao mundo visto.  
Hereges por um Deus maior  
E um novo Cristo!

Vinde aqui todos os que sois,  
Sabendo-o bem, sabendo-o mal,  
Poetas, ou Santos ou Heróis  
De Portugal.

Não foi para servos que nascemos  
De Grécia ou Roma ou de ninguém.  
Tudo negamos e esquecemos:  
Fomos para além.

Vibra, clarim, mais alto! Vibra!  
Grita a nossa ânsia já ciente  
Que o seu inteiro vôo libra  
De poente a oriente.

Vibra, clarim! A todos chama!  
Vibra! E tu mesmo, voz a arder,  
O Portugal de Deus proclama  
Com o fazer!

O Portugal feito Universo,  
Que reúne, sob amplos céus,  
O corpo anônimo e disperso  
De Osíris, Deus.

O Portugal que se levanta  
Do fundo surdo do Destino,  
E, como a Grécia, obscuro canta  
Baco divino.

Aquele inteiro Portugal,  
Que, universal perante a Cruz,  
Reza, ante à Cruz universal,  
Do Deus Jesus.



## PARA ALÉM DOUTRO OCEANO DE COELHO PACHECO

Num sentimento de febre de ser para além doutro oceano  
Houve posições dum viver mais claro e mais límpido  
E aparências duma cidade de seres  
Não irrealis mas lívidos de impossibilidade, consagrados em pureza e em nudez  
Fui pórtico desta visão irrita e os sentimentos eram só o desejo de os ter  
A noção das coisas fora de si, tinha-as cada um adentro  
Todos viviam na vida dos restantes  
E a maneira de sentir estava no modo de se viver  
Mas a forma daqueles rostos tinha a placidez do orvalho  
A nudez era um silêncio de formas sem modo de ser  
E houve pasmos de toda a realidade ser só isto  
Mas a vida era a vida e só era a vida

O meu pensamento muitas vezes trabalha silenciosamente  
Com a mesma doçura duma máquina untada que se move sem fazer barulho  
Sinto-me bem quando ela assim vai e ponho-me imóvel  
Para não desmanchar o equilíbrio que me faz tê-lo desse modo  
Pressinto que é nesses momentos que o meu pensamento é claro  
Mas eu não o oiço e silencioso ele trabalha sempre de mansinho  
Como uma máquina untada movida por uma correia  
E não posso ouvir senão o deslizar sereno das peças que trabalham  
Eu lembro-me às vezes de que todas as outras pessoas devem sentir isto como eu  
Mas dizem que lhes dói a cabeça ou sentem tonturas  
Esta lembrança veio-me como me podia vir outra qualquer  
Como por exemplo a de que eles não sentem esse deslizar  
E não pensam em que o não sentem

Neste salão antigo em que as panóplas de armas cinzentas  
São a forma dum arcaboço em que há sinais doutras eras  
Passeio o meu olhar materializado e destaco de escondido nas armaduras,  
Aquele segredo de alma que é a causa de eu viver

Se fito na panóplia o olhar mortificado em que há desejos de não ver  
Toda a estrutura férrea desse arcaboço que eu pressinto não sei por quê  
Se apossa do meu senti-la como um clarão de lucidez  
Há som no serem iguais dois elmos que me escutam  
A sombra das lanças de ser nítida marca a indecisão das palavras  
Dísticos de incerteza bailam incessantemente sobre mim  
Oíço já as coroações de heróis que hão de celebrar-me  
E sobre este vício de sentir encontro-me nos mesmos espasmos  
Da mesma poeira cinzenta das armas em que há sinais doutras eras

Quando entro numa sala grande e nua à hora do crepúsculo  
E que tudo é silêncio ela tem para mim a estrutura duma alma  
É vaga e poeirenta e os meus passos têm ecos estranhos  
Como os que ecoam na minha alma quando eu ando  
Por suas janelas tristes, entra a luz adormecida de lá de fora  
E projeta na parede escura em frente as sombras e as penumbras  
Uma sala grande e vazia é uma alma silenciosa  
E as correntes de ar que levantam pó são os pensamentos

Um rebanho de ovelhas, é uma coisa triste  
Porque lhe não, devemos poder associar outras idéias que não sejam tristes  
E porque assim é e só porque assim é porque é verdade  
Que devemos associar idéias tristes a um rebanho de ovelhas  
Por esta razão e só por esta razão é que as ovelhas são realmente tristes  
Eu roubo por prazer quando me dão um objeto de valor  
E eu dou em troca uns bocados de metal. Esta idéia não é comum nem banal  
Porque eu encaro-a de modo diferente e não há relação entre um metal e outro  
objeto  
Se eu fosse comprar latão e desse alcachofras prendiam-me  
Eu gostava de ouvir qualquer pessoa expor e explicar  
O modo como se pode deixar de pensar em que se pensa que se faz uma coisa  
E assim perderia o receio que tenho de que um dia venha a saber  
Que o pensar eu em coisas e no pensar não passa duma coisa material e perfeita

A posição dum corpo não é indiferente para o seu equilíbrio  
E a esfera não é um corpo porque não tem forma  
Se é assim e se todos ouvimos um som em qualquer posição  
Infiro que ele não deve ser um corpo  
Mas os que sabem por intuição que o som não é um corpo

Não seguiram o meu raciocínio e essa noção assim não lhes serve para nada  
Quando me lembro que há pessoas que jogam as palavras para fazerem espírito  
E se riem por isso e contam casos particulares da vida de cada um  
Para assim se desenfatiarem e que acham graça aos palhaços de circo  
E se incomodam por lhes cair uma nódoa de azeite no fato novo  
Sinto-me feliz por haver tanta coisa que eu não compreendo  
Na arte de cada operário vejo toda uma geração a esbater-se  
E por isso eu não compreendo arte nenhuma e vejo essa geração  
O operário não vê na sua arte nada duma geração  
E por isso ele é operário e conhece a sua arte

O meu físico é muitas vezes causa de eu me amargar  
Eu sei que sou uma coisa a porque não sou diferente de uma coisa qualquer  
Sei que as outras coisas serão como eu e têm de pensar que eu sou uma coisa  
comum  
Se portanto assim é eu não penso mas julgo que penso  
E esta maneira de me eu acondicionar é boa e alivia-me

Eu amo as alamedas de árvores sombrias e curvas  
E ao caminhar em alamedas extensas que o meu olhar afeiçoa  
Alamedas que o meu olhar afeiçoa sem que eu saiba como  
Elas são portas que se abrem no meu ser incoerente  
E são sempre alamedas que eu sinto quando o pasmo de ser assim me distingue

Muitas vezes oculto-me sensações e gostos  
E então elas variam e estão em acordo com as dos outros  
Mas eu não as sinto e também não sei que me engano

Sentir a poesia é a maneira figurada de se viver  
Eu não sinto a poesia não porque não saiba o que ela é  
Mas porque não posso viver figuradamente  
E se o conseguisse tinha de seguir outro modo de me acondicionar  
A condição da poesia é ignorar como se pode senti-la  
Há coisas belas que são belas em si  
Mas a beleza íntima dos sentimentos espelha-se nas coisas  
E se elas são belas nós não as sentimos

Na seqüência dos passos não posso ver mais que a seqüência dos passos  
E eles seguem-se como se eu os visse seguirem-se realmente



Do fato deles serem tão iguais a si mesmo  
E de não haver uma seqüência de passos que o não seja  
É que eu vejo a necessidade de nos não iludirmos sobre o sentido claro das coisas  
Assim havíamos de julgar que um corpo inanimado sente e vê diferentemente  
de nós  
E esta noção pode ser admissível demais seria incômoda e fútil

Se quando pensamos podemos deixar de fazer movimento e de falar  
Para que é preciso supor que as coisas não pensam  
Se esta maneira de as ver é incoerente e fácil para o espírito?  
Devemos supor e este é o verdadeiro caminho  
Que nós pensamos pelo fato de o podermos fazer sem nos mexermos nem falar  
Como fazem as coisas inanimadas

Quando me sinto isolado a necessidade de ser uma pessoa qualquer surge  
E redemoinha em volta de mim em espirais oscilantes  
Esta maneira de dizer não é figurada  
E eu sei que ela redemoinha em volta de mim como uma borboleta em volta de  
uma luz  
Vejo-lhe sintomas de cansaço e horrorizo-me quando julgo que ela vai cair  
Mas de nunca suceder isso acontece eu estar às vezes isolado

Há pessoas a quem o arranhar das paredes impressiona  
E outras que se não impressionam  
Mas o arranhar das paredes é sempre igual  
E a diferença vem das pessoas. Mas se há diferença entre este sentir  
Haverá diferença pessoal no sentir das outras coisas  
E quando todos, pensem igual numa coisa é porque ela é diferente para cada um

A memória é a faculdade de saber que havemos de viver  
Portanto os amnésicos não podem saber que vivem  
Mas eles são como eu infelizes e eu sei que estou vivendo e hei de viver  
Um objeto que se atinge um susto que se tem  
São tudo maneiras de se viver para os outros  
Eu desejaria viver ou ser adentro de mim como vivem ou são os espaços

Depois de comer quantas pessoas se sentam em cadeiras de balanço  
Ajeitam-se nas almofadas fecham os olhos e deixam-se viver  
Não há luta entre o viver e a vontade de não viver

Ou então — e isto é horróroso para mim — se há realmente essa luta  
Com um tiro de pistola matam-se tendo primeiro, escrito cartas  
Deixar-se viver é absurdo como um falar em segredo

Os artistas de circo são superiores a mim  
Porque sabem fazer pinos e saltos mortais a cavalo  
E dão os saltos só por os dar  
E se eu desse um salto havia de querer saber por que o dava  
E não os dando entristecia-me  
Eles não são capazes de dizer como é que os dão  
Mas saltam como só eles sabem saltar  
E nunca perguntaram a si mesmos se realmente saltam  
Porque eu quando vejo alguma coisa  
Não sei se ela se dá ou não nem posso sabê-lo  
Só sei que para mim é como se ela acontecesse porque a vejo  
Mas não posso saber se vejo coisas que não aconteçam  
E se as visse também podia supor que elas sucediam

Uma ave é sempre bela porque é uma ave  
E as aves são sempre belas  
Mas uma ave sem penas é repugnante como um sapo  
E um montão de penas não é belo  
Deste fato tão nu em si não sei induzir nada  
E sinto que deve haver nele alguma grande verdade

O que eu penso duma vez nunca pode ser igual ao que eu penso doutra vez  
E deste modo eu vivo para que os outros saibam que vivem

Às vezes ao pé dum muro vejo um pedreiro a trabalhar  
E a sua maneira de existir e de poder ser visto é sempre diferente do que julgo  
Ele trabalha e há um incitamento dirigido que move os seus braços  
Como é que acontece estar ele trabalhando por uma vontade que tem disso  
E eu não esteja trabalhando nem tenha vontade disso  
E não possa ter compreensão dessa possibilidade?  
Ele não sabe nada destas verdades mas não é mais feliz do que eu com certeza  
Em áleas doutros parques pisando as folhas secas  
Sonho às vezes que sou para mim e que tenho de viver  
Mas nunca passa este ver-me de ilusão  
Porque me vejo afinal nas áleas desse parque

Pisando as folhas secas que me escutam  
Se pudesse ao menos ouvir estalar as folhas secas  
Sem ser eu que as pisasse ou sem que elas me vissem  
Mas as folhas secas redemoinham e eu tenho de as pisar  
Se ao menos nesta travessia eu tivesse um outro como toda a gente

Uma obra-prima não passa de ser uma obra qualquer  
E portanto uma obra qualquer é uma obra-prima  
Se este raciocínio é falso não é falsa a vontade  
Que eu tenho de que ele seja de fato verdadeiro  
E para os usos do meu pensar isso me basta

Que importa que uma idéia seja obscura se ela é uma idéia  
E uma idéia não pode ser menos bela do que outra  
Porque não pode haver diferença entre duas idéias  
E isto é assim porque eu vejo que isto tem de ser assim  
Um cérebro a sonhar é o mesmo que pensa  
E os sonhos não podem ser incoerentes porque não passam de pensamentos  
Como outros quaisquer. Se vejo alguém olhando-me  
Começo sem querer a pensar como toda a gente  
E é tão doloroso isso como se me marcassem a alma a ferro em brasa  
Mas como posso eu saber se é doloroso marcar a alma a ferro em brasa  
Se um ferro em brasa é uma idéia que eu não compreendo

O descaminho que levaram as minhas virtudes comove-me  
Compunge-me sentir que posso notar se quiser a falta delas  
Eu gostava de ter as minhas virtudes gostosas que me preenchessem  
Mas só para poder gozar e possuí-las e serem minhas essas virtudes  
Há pessoas que dizem sentir o coração despedaçado  
Mas não entrevistam sequer o que seria de bom  
Sentir despedaçarem-nos o coração  
Isso é uma coisa que se não sente nunca  
Mas não é essa a razão por que seria uma felicidade sentir o coração despedaçado

Num salão nobre de penumbra em que há azulejos  
Em que há azulejos azuis colorindo as paredes  
E de que o chão é escuro e pintado e com passadeiras de juta  
Dou entrada às vezes coerente por demais  
Sou naquele salão como qualquer pessoa

Mas o sobrado é côncavo e as portas não acertam  
A tristeza das bandeiras crucificadas nos entrevãos das portas  
É uma tristeza feita de silêncio desnivelada  
Pelas janelas reticuladas entre a luz quando é dia,  
Que entorpece os vidros das bandeiras e recolhe a recantos montões de negrume  
Correm às vezes frios ventosos pelos extensos corredores  
Mas há cheiro a vernizes velhos e estalados nos recantos dos salões  
E tudo é dolorido neste solar de velharias

Alegra-me às vezes passageiramente pensar que hei de morrer  
E serei encerrado num caixão de pau cheirando a resina  
O meu corpo há de derreter-se para líquidos espantosos  
As feições desfar-se-ão em vários podres coloridos  
E irá aparecendo a caveira ridícula por baixo  
Muito suja e muito cansada a pestanejar



## QUADRAS AO GOSTO POPULAR

Cantigas de portugueses  
São como barcos no mar —  
Vão de uma alma para outra  
Com riscos de naufragar.

Eu tenho um colar de pérolas  
Enfiado para te dar:  
As perólas são os meus beijos,  
O fio é o meu penar.

A terra é sem vida, e nada  
Vive mais que o coração...  
E envolve-te a terra fria  
E a minha saudade não!

Deixa que um momento pense  
Que ainda vives ao meu lado...  
Triste de quem por si mesmo  
Precisa ser enganado!

Morto, hei de estar ao teu lado  
Sem o sentir nem saber...  
Mesmo assim, isso me basta  
Pra ver um bem em morrer.

Não sei se a alma no Além vive...  
Morreste! E eu quero morrer!  
Se vive, ver-te-ei; se não,  
Só assim te posso esquecer.

Se ontem à tua porta  
Mais triste o vento passou —  
Olha: levava um suspiro...  
Bem sabes quem to mandou...

Entreguei-te o coração,  
E que tratos tu lhe deste!  
É talvez por estar estragado  
Que ainda não mo devolveste ...

A caixa que não tem tampa  
Fica sempre destapada  
Dá-me um sorriso dos teus  
Porque não quero mais nada.

Tens o leque desdobrado  
Sem que estejas a abanar.  
Amor que pensa e que pensa  
Começa ou vai acabar.

Duas horas te esperei  
Dois anos te esperaria.  
Dize: devo esperar mais?  
Ou não vens porque inda é dia?

Toda a noite ouvi no tanque  
A pouca água a pingar.  
Toda a noite ouvi na alma  
Que não me podes amar.

Dias são dias, e noites  
São noites e não dormi...  
Os dias a não te ver  
As noites pensando em ti.

Trazes a rosa na mão  
E colheste-a distraída...  
E que é do meu coração  
Que colheste mais sabida?

Teus olhos tristes, parados,  
Coisa nenhuma a fitar...  
Ah meu amor, meu amor,  
Se eu fora nenhum lugar!

Depois do dia vem noite,  
Depois da noite vem dia  
E depois de ter saudades  
Vêm as saudades que havia.

No baile em que dançam todos  
Alguém fica sem dançar.  
Melhor é não ir ao baile  
Do que estar lá sem lá estar.

Vale a pena ser discreto?  
Não sei bem se vale a pena.  
O melhor é estar quieto  
E ter a cara serena.

Rosmaninho que me deram,  
Rosmaninho que darei,  
Todo o mal que me fizeram  
Será o bem que eu farei.

Tenho um relógio parado  
Por onde sempre me guio.  
O relógio é emprestado  
E tem as horas a fio.

Quando é o tempo do trigo  
É o tempo de trigar,  
A verdade é um postigo  
A que ninguém vem falar.

Levas chinelas que batem  
No chão com o calcanhar.  
Antes quero que me matem  
Que ouvir esse som parar.

Em vez da saia de chita  
Tens uma saia melhor.  
De qualquer modo és bonita,  
E o bonita é o pior.

Levas uma rosa ao peito  
E tens um andar que é teu...  
Antes tivesses o jeito  
De amar alguém, que sou eu.

Teus brincos dançam se voltas  
A cabeça a perguntar.  
São como andorinhas soltas  
Que inda não sabem voar.

Tens uma rosa na mão.  
Não sei se é para me dar.  
As rosas que tens na cara,  
Essas sabes tu guardar.

Fomos passear na quinta,  
Fomos à quinta em passeio.  
Não há nada que eu não sinta  
Que me não faça um enleio.

Os alcatruzes da nora  
Andam sempre a dar e dar,  
É para dentro e pra fora  
E não sabem acabar.

Ó minha menina loura,  
Ó minha loura menina,  
Dize a quem te vê agora  
Que já foste pequenina ...

Tens um livro que não lês,  
Tens uma flor que desfolhas;  
Tens um coração aos pés  
E para ele não olhas.



Nunca dizes se gostaste  
Daquilo que te calei.  
Sei bem que o adivinhaste.  
O que pensaste não sei.

O vaso que dei àquem  
Que não sabe quem lho deu  
Há de ser posto à janela  
Sem ninguém saber que, é meu.

Tive uma flor para dar  
A quem não ousei dizer  
Que lhe queria falar,  
E a flor teve que morrer.

Quando olhaste para trás,  
Não supus que era por mim.  
Mas sempre olhaste, e isso faz  
Que fosse melhor assim.

Todos os dias eu penso  
Naquele gesto engraçado  
Com que pegaste no lenço  
Que estava esquecido ao lado.

Tens uma salva de prata  
Onde pões os alfinetes...  
Mas não tem salva nem prata  
Aquilo que tu prometes.

Adivinhei o que pensas  
Só por saber que não era  
Qualquer das coisas imensas  
Que a minh'alma sempre espera.

Ouvi-te cantar de dia.  
De noite te ouvi cantar.  
Ai de mim, se é de alegria!  
Ai de mim, se é de penar!

Por um púcaro de barro  
Bebe-se a água mais fria.  
Quem tem tristezas não dorme,  
Vela para ter alegria.

O malmequer que arrancaste  
Deu-te nada no seu fim,  
Mas o amor que me arrancaste,  
Se deu nada, foi a mim.

Teu xaile de seda escura  
É posto de tal feição  
Que alegre se dependura  
Dentro do meu coração.

O manjerico comprado  
Não é melhor que o que dão.  
Põe o manjerico ao lado  
E dá-me o teu coração.

Rosa verde, rosa verde,...  
Rosa verde é coisa que há?  
É uma coisa que se perde  
Quando a gente não está lá.

A rosa que se não colhe  
Nem por isso tem mais vida.  
Ninguém há que te não olhe  
Que te não queira colhida.

Há verdades que se dizem  
E outras que ninguém dirá.  
Tenho uma coisa a dizer-te  
Mas não sei onde ela está.

Quando ao domingo passeias  
Levas um vestido claro.  
Não é o que te conheço  
Mas é em ti que reparo.

Tenho vontade de ver-te  
Mas não sei como acertar.  
Passeias onde não ando,  
Andas sem eu te encontrar.

Andorinha que passaste,  
Quem é que te esperaria?  
Só quem te visse passar.  
E esperasse no outro dia.

Nuvem do céu, que pareces  
Tudo quanto a gente quer,  
Se tu, ao menos, me desses  
O que se não pode ter!

O burburinho da água  
No regato que se espalha  
É como a ilusão que é mágoa  
Quando a verdade a baralha.

Leve sonho, vais no chão  
A andares sem teres ser.  
És como o meu coração  
Que sente sem nada ter.

Vai alta a nuvem que passa.  
Vai alto o meu pensamento  
Que é escravo da tua graça  
Como a nuvem o é do vento.

Ambos à beira do poço  
Achamos que é muito fundo.  
Deita-se a pedra, e o que eu ouço  
É teu olhar, que é meu mundo.

Aquela senhora velha  
Que fala com tão bom modo  
Parece ser uma abelha  
Que nos diz: “Não incomodo”.

Maria, se eu te chamar,  
Maria, vem cá dizer  
Que não podes cá chegar.  
Assim te consigo ver.

Boca com olhos por cima  
Ambos a estar a sorrir...  
Já sei onde está a rima  
Do que não ousa pedir.

Quem lavra julga que lavra  
Mas quem lavra é o que acontece...  
Não me dás uma palavra  
E a palavra não me esquece.

Tinhas um pente espanhol  
No cabelo Português,  
Mas quando te olhava o sol,  
Eras só quem Deus te fez.

Boca de riso escarlate  
E de sorriso de rir...  
Meu coração bate, bate,  
Bate de te ver e ouvir.

Quem me dera, quando fores  
Pela rua sem me ver,  
Supor que há coisas melhores  
E que eu as pudera ter.

Acendeste uma candeia  
Com esse ar que Deus te deu.  
Já não é noite na aldeia  
E, se calhar, nem no céu.

Eu te pedi duas vezes  
Duas vezes, bem o sei,  
Que por fim me respondesses  
Ao que não te perguntei.

Não digas mal de ninguém  
Que é de ti que dizes mal.  
Quando dizes mal de alguém  
Tudo no mundo é igual.

Todas as coisas que dizes  
Afinal não são verdade.  
Mas, se nos fazem felizes,  
Isso é a felicidade.

Dás nós na linha que cose  
Para que pare no fim.  
Por muito que eu pense e ouse,  
Nunca dás nó para mim.

Não sei em que coisa pensas  
Quando coses sossegada...  
Talvez naquelas ofensas  
Que fazes sem dizer nada.

As gaivotas, tantas, tantas,  
Voam no rio pro mar...  
Também sem querer encantas,  
Nem é preciso voar.

As ondas que a maré conta  
Ninguém as pode contar.  
Se, ao passar, ninguém te aponta,  
Aponta-te com o olhar.

Todos os dias que passam  
Sem passares por aqui  
São dias que me desgraçam  
Por me privarem de ti.

Quando cantas, disfarçando  
Com a cantiga o cantar,  
Parece o vento mais brando  
Nesta brandura do ar.

Não sei que grande tristeza  
Me fez só gostar de ti  
Quando já tinha a certeza  
De te amar porque te vi.

A mantilha de espanhola  
Que trazias por trazer  
Não te dava um ar de tola  
Porque o não podias ter.

Boca de riso escarlate  
Com dentes brancos no meio,  
Meu coração bate, bate,  
Mas bate por ter receio.

Se há uma nuvem que passa  
Passa uma sombra também.  
Ninguém diz que é desgraça  
Não ter o que se não tem.

Tu, ao canto da janela  
Sorrias a alguém da rua,  
Porquê ao canto, se aquela  
Posição não é a tua?

Dá-me, um sorriso ao domingo,  
Para à segunda eu lembrar.  
Bem sabes: sempre te sigo  
E não é preciso andar.

Tens olhos de quem não quer  
Procurar quem eu não sei.  
Se um dia o amor vier  
Olharás como eu olhei.

Pobre do pobre que é ele  
E não é quem se fingiu!  
Por muito que a gente vele  
Descobre que já dormiu.

Não me digas que me queres  
Pois não sei acreditar.  
No mundo há muitas mulheres  
Mas mentem todas a par.

Água que não vem na bilha  
É como se não viesse.  
Como a mãe, assim a filha...  
Antes Deus as não fizesse.

Ó loura dos olhos tristes  
Que me não quis escutar...  
Quero só saber se existes  
Para ver se te hei de amar.

Há grandes sombras na horta  
Quando a amiga lá vai ter...  
Ser feliz é o que importa,  
Não importa como o ser!

O moinho de café  
Mói grãos e faz deles pó.  
O pó que a minh'alma é  
Moeu quem me deixa só.

Dizem que não és aquela  
Que te julgavam aqui.  
Mas se és alguém e és bela  
Que mais quererão de ti?

Tenho um livrinho onde escrevo  
Quando me esqueço de ti.  
É um livro de capa negra  
Onde inda nada escrevi.

Olhos tristes, grandes, pretos,  
Que dizeis sem me falar  
Que não há filhos nem netos  
De eu não querer amar.

Meu coração a bater  
Parece estar-me a lembrar  
Que, se um dia te esquecer,  
Será por ele parar.

Quantas vezes a memória  
Para fingir que inda é gente,  
Nos conta uma grande história  
Em que ninguém está presente

Trazes o vestido novo  
Como quem sabe o que faz.  
Como és bonita entre o povo,  
Mesmo ficando para trás!

A tua boca de riso  
Parece olhar para a gente  
Com um olhar que é preciso  
Para saber que se sente.

A laranja que escolheste  
Não era a melhor que havia.  
Também o amor que me deste  
Qualquer outra mo daria.

Se o sino dobra a finados  
Há de deixar de dobrar.  
Dá-me os teus olhos fitados  
E deixa a vida matar!

Por muito que pense e pense  
No que nunca me disseste,  
Teu silêncio não convence.  
Faltaste quando vieste.

Tome lá, minha menina,  
O ramalhete que fiz.  
Cada flor é pequenina,  
Mas tudo junto é feliz.



A vida é pouco aos bocados.  
O amor é vida a sonhar.  
Olho para ambos os lados  
E ninguém me vem falar.

Dei-lhe um beijo ao pé da boca  
Por a boca se esquivar.  
A idéia talvez foi louca,  
O mal foi não acertar.

Compras carapaus ao cento,  
Sardinhas ao quarteirão.  
Só tenho no pensamento  
Que me disseste que não.

Duas horas te esperei.  
Duas mais te esperaria.  
Se gostas de mim não sei...  
Algum dia há de ser dia ...

Tenho um desejo comigo  
Que me traz longe de mim.  
É saber se isto é contigo  
Quando isto não é assim.

Leve vem a onda leve  
Que se estende a adormecer,  
Breve vem a onda breve  
Que nos ensina a esquecer.

Quando a manhã aparece  
Dizem que nasce alegria.  
Isso era se Ela viesse.  
Até de noite era dia.

Nuvem alta, nuvem alta,  
Porque é que tão alta vais?  
Se tens o amor que me falta,  
Desce um pouco, desce mais!

Teu carinho, que é fingido,  
Dá-me o prazer de saber  
Que inda não tens esquecido  
O que o fingir tem de ser.

A luva que retiraste  
Deixou livre a tua mão.  
Foi com ela que tocaste,  
Sem tocar, meu coração.

O avental, que à gaveta  
Foste buscar, não terá  
Algibeira em que me meta  
Para estar contigo já?

Quando vieste da festa,  
Vinhas cansada e contente.  
A minha pergunta é esta.  
Foi da festa ou foi da gente?

Rouxinol que não cantaste,  
Galo que não cantarás,  
Qual de vós me empresta o canto  
Para ver o que ela faz?

Quando chegaste à janela  
Todos que estavam na rua  
Disseram: olha, é aquela,  
Tal é a graça que é tua!

Nuvem que passas no céu,  
Dize a quem não perguntou  
Se é bom dizer a quem deu:  
“O que deste, não to dou.”

“Vou trabalhando a peneira  
E pensando assim assim.  
Eu não nasci para freira.  
Gosto que gostem de mim.”

Roseiral que não das rosas  
Senão quando as rosas vêm,  
Há muitas que são formosas  
Sem que o amor lhes vá bem.

Ribeirinho, ribeirinho,  
Que vais a correr ao léu  
Tu vais a correr sozinho,  
Ribeirinho, como eu.

“Vesti-me toda de novo  
E calcei sapato baixo  
Para passar entre o povo  
E procurar quem não acho.”

Tua boca me diz sim,  
Teus olhos me dizem não.  
Ai, se gostasses de mim  
E sem saber a razão.

Quero lá saber por onde  
Andaste todo este dia!  
Nunca faz-bem quem se esconde  
Mas onde foste, Maria?

O vaso do manjerico  
Caiu da janela abaixo.  
Vai buscá-lo, que aqui fico  
A ver se sem ti te acho.

O cravo que tu me deste  
Era de papel rosado.  
Mas mais bonito era inda  
O amor que Me foi negado,

Trazes os sapatos, pretos  
Cinzentos de tanto pó.  
Feliz é quem tiver netos  
De quem tu sejas avó!

Vem de lá do monte verde  
A trova que não entendo.  
É um som bom que se perde  
Enquanto se vai vivendo.

Moreninha, moreninha,  
Com olhos pretos a rir.  
Sei que nunca serás minha,  
Mas quero ver-te sorrir.

Puseste a chaleira ao lume  
Com um jeito de desdém.  
Suma-te o diabo que sume  
Primeiro quem te quer bem!

Lá vem o homem da capa  
Que ninguém sabe quem é...  
Se o lenço os olhos te tapa  
Veio os teus olhos por fé.

Loura dos olhos dormentes,  
Que são azuis e amarelos,  
Se as minhas mãos fossem pentes,  
Penteavam-te os cabelos.

O sino dobra a finados.  
Faz tanta pena a dobrar!  
Não é pelos teus pecados  
Que estão vivos a saltar.

Traze-me um copo com água  
E a maneira de o trazer.  
Quero ter a minha mágoa  
Sem mostrar que a estou a ter.

Olha o teu leque esquecido!  
Olha o teu cabelo solto!  
Maria, toma sentido!  
Maria, senão não volto!

Já duas vezes te disse  
Que nunca mais te diria  
O que te torno a dizer  
E fica para outro dia.

Lavadeira a bater roupa  
Na pedra que está na água,  
Achas minha mágoa pouca?  
É muito tudo o que é mágoa.

O teu lenço foi mal posto  
Pela pressa que to pôs.  
Mais mal posto é o meu desgosto  
Do que não há entre nós.

Olhos de veludo falso  
E que fitam a entender,  
Vós sois o meu cadafalso  
A que subo com prazer.

Duas vezes eu tentei  
Dizer-te que te queria,  
E duas vezes te achei  
Só a que falava e ria.

Meu coração é uma barca  
Que não sabe navegar.  
Guardo o linha na arca  
Com um ar de o acarinhar.

Tenho um desejo comigo  
Que hoje te venho dizer:  
Queria ser teu amigo  
Com amizade a valer.

És Maria da Piedade  
Pois te chamaram assim.  
Sê lá Maria à vontade,  
Mas tem piedade de mim.

Tu És Maria da Graça,  
Mas a que graça é que vem  
Ser essa graça a desgraça  
De quem a graça não tem?

Caiu no chão o novelo  
E foi-se desenrolando.  
Passas a mão no cabelo.  
Não sei em que estás pensando.

A tua saia, que é curta,  
Deixa-te a perna a mostrar:  
Meu coração já se furta  
A sentir sem eu pensar.

Meu amor é fragateiro.  
Eu sou a sua fragata.  
Alguns vão atrás do cheiro,  
Outros vão só pela arreta.

Vai longe, na serra alta,  
A nuvem que nela toca...  
Dá-me aquilo que me falta —  
Os beijos da tua boca.

HÁ um doido na nossa voz  
Ao falarmos, que prendemos:  
É o mal-estar entre nós  
Que vem de nos percebermos.

Teu vestido porque é teu,  
Não é de cetim nem chita.  
É de sermos tu e eu  
E de tu seres bonita.

Entornaram-me o cabaz  
Quando eu vinha pela estrada.  
Como ele estava vazio,  
Não houve loiça quebrada.

O rosário da vontade,  
Rezei-o trocado e a esmo.  
Se vens dizer-me a verdade,  
Vê lá bem se é isso mesmo.

Castanhetas, castanholas —  
Tudo é barulho a estalar.  
As que ao negar são mais tolas  
São mais espertas ao dar.

O manjerico e a bandeira  
Que há no cravo de papel —  
Tudo isso enche a noite inteira,  
Ó boca de sangue e mel.

Tem A filha da caseira  
Rosas na caixa que tem.  
Toda ela é uma rosa inteira  
Mas não a cheira ninguém.

A moça que há na estalagem  
Ri porque gosta de rir.  
Não sei o que é da viagem  
Por esta moça existir.

Lenço preto de orla branca  
Ataste-o mal a valer  
À roda desse pescoço  
Que tem que se lhe dizer.

Aquela loura de preto  
Com uma flor branca ao peito,  
É o retrato completo  
De como alguém é perfeito.

A tua janela é alta,  
A tua casa branquinha.  
Nada lhe sobra ou lhe falta  
Senão morares sozinha.

Vem cá dizer-me que sim.  
Ou vem dizer-me que não.  
Porque sempre vens assim  
P'ra ao pé do meu coração,.

Cortaste com a tesoura  
O pano de lado a lado.  
Porque é que todo teu gesto  
Tem a feição de engraçado?

Ai, os pratos de arroz doce  
Com as linhas de canela!  
Ai a mão branca que os trouxe!  
Ai essa mão ser a dela!

Frescura do que é regado,  
Por onde a água inda verte...  
Quero dizer-te um bocado  
Do que não ousou dizer-te.

Ó pastora, ó pastorinha,  
Que tens ovelhas e riso,  
Teu riso ecoa no vale  
E nada mais é preciso.

A abanar o fogareiro  
Ela corou do calor.  
Ah, quem a fará corar  
De um outro modo melhor!

Manjerico que te deram,  
Amor que te querem dar...  
Recebeste o manjerico.  
O amor fica a esperar.

Dona Rosa, Dona Rosa.  
De que roseira é que vem,  
Que não tem senão espinhos  
Para quem só lhe quer bem?



O laço que tens no peito  
Parece dado a fingir.  
Se calhar já estava feito  
Como o teu modo de rir.

Dona Rosa, Dona Rosa,  
Quando eras inda botão  
Disseram-te alguma cousa  
De a flor não ter coração?

Tenho um segredo a dizer-te  
Que não te posso dizer.  
E com isto já to disse  
Estavas farta de o saber ...

Os ranchos das raparigas  
Vão a cantar pela estrada...  
Não oiço as suas cantigas  
Só tenho pena de nada.

Rezas porque outros rezaram,  
E vestes à moda alheia...  
Quando amares vê se amas  
Sem teres o amor na idéia.

A senhora da Agonia  
Tem um nicho na Igreja.  
Mas a dor que me agonia  
Não tem ninguém quem a veja.

Aparta o cabelo ao meio  
A do cabelo apartado.  
É a estrelinha em que leio  
Que estou a ser enganado.

Esse frio cumprimento  
Tem ironia p'ra mim.  
Porque é o mesmo movimento  
Com que a gente diz que sim...

Vejo lágrimas luzir  
Nos teus olhos de fingida.  
É como quando à janela  
Chegas, um pouco escondida.

Trincaste, para o partir,  
O retrós de costurar.  
Quem não soubesse diria  
Que o estavas a beijar.

Deixaste o dedal na mesa  
Só pelo tempo da ausência —  
Se eu to roubasse dirias  
Que eu não tinha consciência.

Dá-me um sorriso daqueles  
Que te não servem de nada  
Como se dá às crianças  
Uma caixa esvaziada.

O canário já não canta.  
Não canta o canário já.  
Aquilo que em ti me encanta  
Talvez não me encantarás.

Rezas a Deus ao deitar-te  
Pedindo não sei o quê.  
Se rezasses ao Demônio,  
Eu saberia o que é.

Boca que tens um sorriso  
Como se fosse um florir,  
Teus olhos cheios de riso  
Dão-lhe um orvalho de rir.

Uma boneca de trapos  
Não se parte se, cair.  
Fizeste-me a alma em farrapos  
Bem: não se pode partir.

O que sinto e o que penso  
De ti é bem e é mal.  
É como quando uma xícara  
Tem o pires desigual.

Levas a mão ao cabelo  
Num gesto de quem não crê.  
Mas eu não te disse nada.  
Duvidas de mim? Porquê?

Compreender um ao outro  
É um jogo complicado.  
Pois quem engana não sabe  
Se não estava enganado.

A roda dos dedos juntos  
Enrolaste a fita a rir.  
Corações não são assuntos  
E falar não é sentir.

Chama-te boa, e o sentido  
Não é bem o que eu supunha.  
Boa não é apelido:  
É, quando muito, alcunha.

Tu És Maria das Dores,  
Tratam-te só por Maria.  
Está bem, porque deste as dores  
A quem quer que em ti se fia.

Se vais de vestido novo  
O teu próprio andar o diz,  
E ao passar por entre o povo  
Até teu corpo é feliz.

Tens um anel imitado  
Mas vais contente de o ter.  
Que importa o falsificado  
Se é verdadeiro o prazer.

Tenho ainda na lembrança  
Como uma coisa que veio,  
O quando inda eras criança.  
Nunca mais me dás um beijo!

O ar do campo vem brando,  
Faz sono haver esse ar.  
Já não sei se estou sonhando  
Nem de que serve sonhar.

Quando ela pôs o chapéu  
Como se tudo acabasse,  
Sofri de não haver véu  
Que inda um pouco a demorasse.

Quem te deu aquele anel  
Que ainda ontem não tinhas?  
Como tu foste infiel  
A certas idéias minhas!

Essa costura à janela  
Que lhe inclinou a cabeça  
Fez-me ver como era dela  
Que o coração tinha pressa.

O ribeiro bate, bate  
Nas pedras que nele estão,  
Mas nem há nada em que bata  
O meu pobre coração.

Nunca houve romaria  
Que se lembrassem de mim...  
Também quem se lembraria  
De quem se lamenta assim?

Comes melão às dentadas  
Porque assim não deve ser.  
Não sei se essas gargalhadas  
Me fazem rir ou sofrer.

Há dois dias que não vejo  
Modo de tornar-te a ver:  
Se outros também te não vissem,  
Desejava sem sofrer.

O teu cabelo cortado  
A maneira de rapaz  
Não deixa justificado  
Aquele amor que me faz.

Se te queres despedir  
Não te despidas de mim,  
Que eu não posso consentir  
Que tu me trates assim.

Quem te fez assim tão linda  
Não o fez para mostrar  
Que se é mais linda ainda  
Quando se sabe negar.

Floriu a roseira toda  
Com as rosas de preparar...  
Tua cabeça anda à roda  
Mas sabes-te equilibrar.

Morena dos olhos baços  
Velados de não sei quê,  
No mundo há falta de braços  
Para o que o teu olhar vê.

Quando compões o cabelo  
Com tua mão distraída  
Fazer-me um grande novelo  
No pensamento da vida.

Teus olhos de quem não fita  
Vagueiam, 'stão na distância.  
Se fosses menos bonita,  
Isso não tinha importância.

Tocam sinos a rebate  
E levantaste-te logo.  
Teu coração só não bate  
Por a quem puseste fogo.

O coração é pequeno,  
Coitado, e trabalha tanto!  
De dia a ter que chorar,  
De noite a fazer o pranto ...

Deram-me um cravo vermelho  
Para eu ver como é a vida.  
Mas esqueci-me do cravo  
Pela hora da saída.

Fiz estostrar um cartucho  
Contra a parede do lado.  
Assim farei eu à vida,  
Que o sonhar fez-me assoprado.

O malmequer que colheste  
Deitaste-o fora a falar.  
Nem quiseste ver a sorte  
Que ele te podia dar.

Comi melão retalhado  
E bebi vinho depois,  
Quanto mais olho p'ra ti  
Mais sei que não somos dois.

Trazes um lenço novinho  
Na cabeça e a descair,  
Se eu te beijar no cantinho  
Só saberá quem nos vir.

E ao acabar estes versos  
Feitos em modo menor  
Cumpre prestar homenagem  
À bebedeira do cantor.

Toda a noite, toda a noite,  
Toda a noite sem pensar...  
Toda a noite sem dormir  
E sem tudo isso acabar.

Puseste um vaso à janela.  
Foi sinal ou não foi nada,  
Ou foi p'ra que pense em ti  
Que te não importas nada?

Eu vi ao longe um navio  
Que tinha uma vela só,  
Ia sozinho no mar...  
Mas não me fazia dó.

Corre a água pelas calhas  
Lá segundo a sua lei.  
Pareces, vista de lado,  
Aquela que te julguei.

Lá por olhar para ti  
Não julgues que é por gostar.  
Eu gosto muito do sol,  
E nem o posso fitar.

Viraste-me a cara quando  
Ia a dizer-te, à chegada,  
Que, se voltasses a cara,  
Que eu não me importava nada.

Na quinta que nunca houve  
Há um poço que não há  
Onde há de ir encontrar água  
Alguém que te entenderá.

Voam débeis e enganadas  
As folhas que o vento toma.  
Bem sei: deitamos os dados  
Mas Deus é sue deita a soma.

Ribeirinho, ribeirinho,  
Que falas tão devagar,  
Ensina-me o teu caminho  
De passar sem desejar amar.

Do alto da torre da igreja  
Vê-se o campo todo em roda.  
Só do alto da esperança  
Vemos nós a vida toda.

Dá-me um sorriso a brincar,  
Dá-me uma palavra a rir,  
Eu me tenho por feliz  
Só de te ver e te ouvir.

Trazes um lenço apertado  
Na cabeça, e um nó atrás.  
Mas o que me traz cansado  
É o nó que nunca se faz.

Vi-te a dizer um adeus  
A alguém que se despedia,  
E quase implorei dos céus  
Que eu partisse qualquer dia.

Eu voltei-me para trás  
Para ver se te voltavas.  
Há quem dê favas aos burros,  
Mas eles comem as favas.

Deixaste cair no chão  
O embrulho das queijadas.  
Riste disso — E porque não?  
A vida é feita de nada.

Deste-me um cordel comprido  
Para atar bem um papel.  
Fiquei tão agradecido  
Que inda tenho esse cordel.



No dia de Santo Antônio  
Todos riem sem razão.  
Em São João e São Pedro  
Como é que todos rirão?

Tenho uma pena que escreve  
Aquilo que eu sempre sinta.  
Se é mentira, escreve leve.  
Se é verdade, não tem tinta.

O capilé é barato  
E é fresco quando há calor.  
Vou sonhar o teu retrato  
Já que não tenho melhor.

Baila o trigo quando há vento  
Baila porque o vento o toca  
Também baila o pensamento  
Quando o coração provoca.

Fizeste molhos de flores  
Para não dar a ninguém.  
São como os molhos de amores  
Que foras fazer a alguém.

Se houver alguém que me diga  
Que disseste bem de mim,  
Farei uma outra cantiga,  
Porque esta não é assim.

Manjerico, manjerico,  
Manjerico que te dei,  
A tristeza com que fico  
Inda amanhã a terei.

Ris-te de mim? Não me importo.  
Rir não faz mal a ninguém.  
Teu rir é tão engraçado  
Que, quando faz mal, faz bem.

Ouves-me sem me entender.  
Sorris sem ser porque falo.  
É assim muita mulher.  
Mas nem por isso me calo.

Se eu te pudesse dizer  
O que nunca te direi,  
Tu terias que entender  
Aquilo que nem eu sei.

Bailaste de noite ao som  
De uma música estragada.  
Bailar assim só é bom  
Quando a alegria é de nada.

Não sei que flores te dar  
Para os dias da semana.  
Tens tanta sombra no olhar  
Que o teu olhar sempre engana.

Descasquei o camarão,  
Tirei-lhe a cabeça toda.  
Quando o amor não tem razão  
É que o amor incomoda.

Cabeça de ouro mortiço  
Com olhos de azul do céu,  
Quem te ensinou o feitiço  
De me fazer não ser eu?

São já onze horas da noite.  
Porque te não vais deitar?  
Se de nada serve ver-te,  
Mais vale não te fitar.

Tiraste o linho da arca,  
Da arca tiraste o linho.  
Meu coração tem a marca  
Que lhe puseste mansinho.

Ao dobrar o guardanapo  
Para o meteres na argola  
Fizeste-me conhecer  
Como um coração se enrola.

Quando eu era pequenino  
Cantavam para eu dormir.  
Foram-se o canto e o menino.  
Sorri-me para eu sentir!

Meia volta, toda a volta,  
Muitas voltas de dançar...  
Quem tem sonhos por escolta  
Não é capaz de parar.

Fui passear no jardim  
Sem saber se tinha flores  
Assim passeia na vida  
Quem tem ou não tem amores.

No dia em que te casares  
Hei de te ir ver à Igreja  
Para haver o sacramento  
De amar-te alguém que ali esteja.

Quando apertaste o teu cinto  
Puseste o cravo na boca.  
Não sei dizer o que sinto  
Quando o que sinto me toca.

Toda a noite ouvi os cães  
P'ra manhã ouvi os galos.  
Tristeza — vem ter conosco.  
Prazeres — é ir achá-los.

Deram-me, para se rirem,  
Uma corneta de barro,  
Para eu tocar à entrada  
Do Castelo do Diabo.

Quando te apertei a mão  
Ao modo de assim-assim,  
Senti o meu coração  
A perguntar-me por mim.

Tinhas um vestido preto  
Nesse dia de alegria...  
Que certo! Pode pôr luto  
Aquele que em ti confia.

Só com um jeito do corpo  
Feito sem dares por isso  
Fazes mais mal que o demônio  
Em dias de grande enguço.

Esse xaile que arranjaste,  
Com que pareces mais alta  
Dá ao teu corpo esse brio  
Que à minha coragem falta.

Tem um decote pequeno,  
Um ar modesto e tranqüilo;  
Mas vá-se lá descobrir  
Coisa pior do que aquilo!

Teus olhos poisam no chão  
Para não me olhar de frente.  
Tens vontade de sorrir  
Ou de rir? É tão diferente!

Quando passas pela rua  
Sem reparar em quem passa,  
A alegria é toda tua  
E minha toda a desgraça.

A esmola que te vi dar  
Não me deu crença nem fé,  
Pois a que estou a esperar  
Não é esmola que se dê.

Caiu no chão a laranja  
E rolou pelo chão fora.  
Vamos apanhá-la juntos,  
E o melhor é ser agora.

Quando te vais a deitar  
Não sei se rezas se não.  
Devias sempre rezar  
E sempre a pedir perdão.

É limpo o adro da igreja.  
É grande o largo da praça.  
Não há ninguém que te veja  
Que te não encontre graça.

Quando agora me sorriste  
Foi de contente de eu vir,  
Ou porque me achaste triste,  
Ou já estavas a sorrir?

Boca que o riso desata  
Numa alegria engraçada,  
És como a prata lavrada  
Que é mais o lavor que a prata.

Por cima da saia azul  
Há uma blusa encarnada,  
E por cima disso os olhos  
Que nunca me dizem nada.

Fazes renda de manhã  
E fazes renda ao serão.  
Se não fazes senão renda,  
Que fazes do coração?

Todos te dizem que és linda.  
Todos to dizem a sério.  
Como o não sabes ainda  
Agradecer é mistério.

Eu bem sei que me desdenhas  
Mas gosto que seja assim,  
Que o dendém que por mim tenhas  
Sempre é pensares em mim.

A tua irmã é pequena,  
Quando tiver tua idade,  
Transferirei minha pena  
Ou fico só com metade?

Quando me deste os bons dias  
Deste-mos como a qualquer.  
Mais vale não dizer nada  
Do que assim nada dizer.

Tenho uma idéia comigo  
De que não quero falar.  
Se a idéia fosse um postigo  
Era pra te ver passar.

Andorinha que vais alta,  
Porque não me vens trazer  
Qualquer coisa que me falta  
E que te não sei dizer?

Tenho um lenço que esqueceu  
A que se esquece de mim.  
Não é dela, não é meu,  
Não é princípio nem fim.

Duas horas vão passadas  
Sem que te veia passar.  
Que coisas mal combinadas  
Que são amor e esperar!

Houve um momento entre nós  
Em que a gente não falou.  
Juntos, estávamos sós.  
Que bom é assim estar só!

“Das flores que há pelo campo  
O rosmãozinho é rei. . . “  
É uma velha cantiga...  
Bem sei, meu Deus, bem o sei.

O moinho que mói trigo  
Mexe-o o vento ou a água,  
Mas o que tenho comigo  
Mexe-o apenas a mágoa.

Aquela que tinha pobre  
A única saia que tinha,  
Por muitas roupas que dobre  
Nunca será mais rainha.

Tens uns brincos, sem valia  
E um lenço que não é nada,  
Mas quem dera ter o dia  
De quem és a madrugada.

Loura, teus olhos de céu  
Têm um azul que é fatal..  
Bem sei: Foi Deus que tos deu.  
Mas então Deus fez o mal?

Vai alta sobre a montanha  
Uma nuvem sem razão.  
Meu coração acompanha  
O não teres coração.

Dizem que as flores são todas  
Palavras que a terra diz.  
Não me falas: incomodas.  
Falas: sou menos feliz.

Duas vezes jurei ser  
O que julgo que sou,  
Só para desconhecer  
Que não sei para onde vou.

O pescador do mar alto  
Vem contente de pescar.  
Se prometo, sempre falto:  
Receio não agradar.

Todos lá vão para a festa  
Com um grande azul de céu.  
Nada resta, nada resta...  
Resta sim, que resta eu.

Andei sozinho na praia  
Andei na praia a pensar  
No jeito da tua saia  
Quando lá estiveste a andar.

Onda que vens e que vais  
Mar que vais e depois vens,  
Já não sei se tu me atraís,  
E, se me, atraís, se me tens.

Quando há música, parece  
Que dormes, e assim te calas,  
Mas se a música falece,  
Acordo, e não me falas.

Trazes uma cruz no peito.  
Não sei se é por devoção.  
Antes tivesses o jeito  
De ter lá um coração.

O guardanapo dobrado  
Quer dizer que se não volta.  
Tenho o coração atado:  
Vê se a tua mão mo solta.

“À tua porta está lama.  
Meu amor, quem na faria?”  
É assim a velha cantiga  
Que como tu principia.



Menina de saia preta  
E de blusa de outra cor,  
Que é feito daquela seta  
Que atirei ao meu amor?

Lavas a roupa na selha  
Com um vagar apressado,  
E o brinco na tua orelha  
Acompanha o teu cuidado.

Duas vezes te falei  
De que te iria falar.  
Quatro vezes te encontrei  
Sem palavra p'ra te dar.

Velha cadeira deixada  
No canto da casa antiga  
Quem dera ver lá sentada  
Qualquer alma minha amiga.

Trazes a bilha à cabeça  
Como se ela não houvesse.  
Andas sem pressa depressa  
Como se eu lá não estivesse.

Trazes um manto comprido  
Que não é xaile a valer.  
Eu trago em ti o sentido  
E não sei que hei de dizer.

Olhas para mim às vezes  
Como quem sabe quem sou.  
Depois passam dias, meses,  
Sem que vás por onde vou.

Quando tiraste da cesta  
Os figos que prometeste  
Foi em mim dia de festa,  
Mas foi a todos que os deste.

Aquela que mora ali  
E que ali está à janela  
Se um dia morar aqui  
Se calhar não será ela.

Mas que grande disparate  
É o que penso e o que sinto.  
Meu coração bate, bate  
E se sonho minto, minto.

Puseste por brincadeira  
A touca da tua irmã.  
Ó corpo de bailadeira,  
Toda a noite tem manhã.

Dizes-me que nunca sonhas  
E que dormes sempre a fio.  
Quais são as coisas risonhas  
Que sonhas por desfastio?

O teu carrinho de linha  
Rolou pelo chão caído.  
Apanhei-o e dei-to e tinha  
Só em ti o meu sentido.

A vida é um hospital  
Onde quase tudo falta.  
Por isso ninguém te cura  
E morrer é que é ter alta.

Que tenho o coração preto  
Dizes tu, e inda te alegras.  
Eu bem sei que o tenho preto:  
Está preto de nódoas negras.

Na praia de Monte Gordo.  
Meu amor, te conheci.  
Por ter estado em Monte Gordo  
É que assim emagreci.

Saudades, só portugueses  
Conseguem senti-las bem.  
Porque têm essa palavra  
Para dizer que as têm.

“Mau, Maria!” — tu disseste  
Quando a trança te caía.  
Qual “Mau, Maria”, Maria!  
“Má Maria” “Má Maria!”

Era já de madrugada  
E eu acordei sem razão,  
Senti a vida pesada.  
Pesado era o coração.

Boca de romã perfeita  
Quando a abres p’ra comer.  
Que feitiço é que me espreita  
Quando ris só de me ver?

Tenho um segredo comigo  
Que me faz sempre cismar,  
É se quero estar contigo  
Ou quero contigo estar.

Trazes já aquele cinto  
Que compraste no outro dia.  
Eui trago o que sempre sinto  
E que é contigo, Maria

.  
Teu olhar não tem remorsos  
Não é por não ter que os ter.  
É porque hoje não é ontem  
E viver é só esquecer.

Disseste-me quase rindo:  
“Conheço-te muito bem!”  
Dito por quem me não quer.  
Tem muita graça, não tem?

Fica o coração pesado  
Com o choro que chorei.  
É um ficar engraçado  
O ficar com o que dei. . .

Este é o riso daquela  
Em que não se reparou.  
Quando a gente se acautela  
Vê que não se acautelou.

Tens vontade de comprar  
O que vês só porque o viste.  
Só a tenho de chorar  
Porque só compro o ser triste.

Baila em teu pulso delgado  
Uma pulseira que herdaste...  
Se amar alguém é pecado.  
És santa, nunca pecaste.

Teus olhos querem dizer  
Aquilo que se não diz...  
Tenho muito que fazer.  
Que sejas muito feliz.

Água que passa e canta  
É água que faz dormir...  
Sonhar é coisa que encanta,  
Pensar é já não sentir.

Deste-me um adeus antigo  
À maneira de eu não ser  
Mais que o amigo do amigo  
Que havia de poder ter.

Linda noite a desta lua.  
Lindo luar o que está  
A fazer sombra na rua.  
Por onde ela não virá.

O papagaio do paço  
Não falava — assobiava.  
Sabia bem que a verdade  
Não é coisa de palavra.

Puseste a mantilha negra  
Que hás de tirar ao voltar.  
A que me puseste na alma  
Não tiras. Mas deixa-a estar!

Trazes os brincos compridos,  
Aqueles brincos que são  
Como as saudades que temos  
A pender do coração.

Deixaste cair a liga  
Porque não estava apertada...  
Por muito que a gente diga  
A gente nunca diz nada.

Não há verdade na vida  
Que se não diga a mentir.  
Há quem apresse a subida  
Para descer a sorrir.

No dia de S. João  
Há fogueiras e folias.  
Gozam uns e outros não,  
Tal qual como os outros dias.

Santo Antônio de Lisboa  
Era um grande pregador,  
Mas é por ser Santo Antônio  
Que as moças lhe têm amor.

# POEMAS DE FERNANDO PESSOA

*fernando pessoa*



**Fundação Gaúcha  
dos Bancos Sociais**  
Indústria da Solidariedade



Fundação Gaúcha dos Bancos Sociais - Banco de Livros | Av. Francisco Silveira Bitencourt, 1928  
CEP 91150-010 - Porto Alegre - RS | Tel: (51) 3026.8020 | [bancossociais@bancossociais.org.br](mailto:bancossociais@bancossociais.org.br)  
[www.bancossociais.org.br](http://www.bancossociais.org.br) | [f](https://www.facebook.com/bancodelivrosrs) [bancodelivrosrs](https://www.facebook.com/bancodelivrosrs)